

João Paulo Garcia Leal<sup>1</sup>

Fagundes, Lima, Nishijima e Rocha fizeram considerações tão apropriadas quanto oportunas em “Métodos para Análise da Efetividade da Rivalidade Utilizando as Participações de Mercado” (IBRAC. *Suplemento Eletrônico da Revista do IBRAC*, ano 1, número 4). Oportunas porque encontram-se no SBDC atualmente atos de concentração que exigem análise refinada das condições de rivalidade. Apropriadas porque o tratamento econométrico proposto pelos autores dá mais substância à análise de rivalidade.

Recapitulando, a metodologia proposta “baseia-se na realização de testes de raiz unitária (testes de estacionariedade) a serem aplicados sobre a razão entre os *shares* de cada firma e algum valor de referência (*market share* médio das firmas no mercado ou *market share* da firma líder)”. Se o teste mostrar que há raiz unitária, pode-se concluir que as participações de mercado são instáveis.

Sem dúvida a instabilidade das participações de mercado é um bom indício de rivalidade entre as empresas atuantes no mercado. Porém, os autores deixaram de mencionar que o inverso, a estabilidade delas, não necessariamente pode ser interpretada como evidência de baixa rivalidade. Essa ressalva chega a ser óbvia, mas não custa consigná-la, ainda que por cautela apenas.

Desenvolvendo o comentário um pouco mais, os mercados que são mais propensos às variações de *market share* são aqueles caracterizados, em geral, por elevado crescimento, acentuado dinamismo tecnológico, lançamento frequente de novas versões dos produtos mais ou menos diferenciadas em relação às anteriores, gastos expressivos em publicidade e propaganda e/ou possibilidade de rápida expansão incremental da capacidade produtiva instalada. Assim, para mercados com essas características, é razoável que a rivalidade entre as empresas estabelecidas acarrete instabilidade das participações de mercado (a inferência daquela a partir desta).

Porém, em sentido contrário, mercados pouco dinâmicos, com tecnologia de produção madura, cujos produtos são pouco afeitos à diferenciação e/ou caracterizados

---

<sup>1</sup> Economista. Sócio da **EDAP | Edgard Pereira & Associados** (<http://www.edap.com.br>). Artigo publicado originalmente em IBRAC. *Suplemento Eletrônico da Revista do IBRAC*. Ano 1, n° 6, 2010.

por significativas indivisibilidades técnicas de escala de produção são menos sujeitos a ganhos e perdas, abruptas e significativas, de participações de mercado. Não se deve concluir *a priori* que as empresas neles atuantes não concorram acentuadamente entre si. É o próprio padrão de concorrência, moldado por características estruturais desses mercados, que fazem com que neles prevaleça maior estabilidade relativa dos *market shares*.

O aprofundamento da análise de rivalidade nesses mercados deve voltar-se para elementos mais qualitativos e, principalmente, exige a observação de períodos mais dilatados. Sem estender demasiadamente essas considerações e sem maiores pretensões, vale destacar que os investimentos em modernização e ampliação da capacidade produtiva são, possivelmente, a variável competitiva que melhor demonstra a concorrência nesses mercados. Esses investimentos, no entanto, tendem a ocorrer ao longo de intervalos mais amplos, um período de análise que, lamentavelmente, no mais das vezes, não é considerado na instrução de atos de concentração.